



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação - DEDU

MARIANA RODRIGUES ALVES

CONTO DE FADAS NA VIDA DE CRIANÇAS

São Gonçalo
2014

MARIANA RODRIGUES ALVES

Conto de Fadas na vida de crianças

Monografia apresentada, como requisito parcial para conclusão do curso de licenciatura plena em pedagogia, à Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Glaucia Campos Guimarães

São Gonçalo

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

A474 Alves, Mariana Rodrigues.
Contos de fada na vida de crianças/Mariana Rodrigues
Alves – 2014.
42f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Glaucia Campos Guimarães.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) -
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de
Formação de Professores.

1. Contos de fadas 2.Literatura infanto juvenil I.
Guimarães, Glaucia Campos II. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. III.
Título

CDU 82 - 252

MARIANA RODRIGUES ALVES

Conto de fadas na vida de crianças

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em: _____

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Glaucia Campos Guimarães (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores (FFP)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Maria Lucia de Abrantes Fortuna (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores (FFP)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2014

DEDICATÓRIA

À minha família pelo amor, incentivo e dedicação que me proporcionaram, fazendo sempre o possível e o impossível para que eu realize todos os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a Deus por estar sempre caminhando comigo, fortalecendo-me e motivando-me nesta longa caminhada.

Aos meus pais, Maria Isolina e Cristiano, minha avó, Juvenália, e todos os meus familiares que sempre me incentivaram com muito amor e carinho e me fizeram acreditar que tudo é possível.

Ao meu namorado, Cristiano, por sempre estar ao meu lado me oferecendo um ombro amigo e torcendo sempre pela minha vitória.

A minha amiga de infância, Nathália, que com o carinho de sempre, revisou todo o meu trabalho e a todos os meus amigos e amigas que sempre estão comigo e que eu sei que posso contar para tudo.

A minha orientadora Glaucia, pelo seu carinho de sempre e pela paciência e dedicação na construção desta monografia.

Minhas estórias da Carochinha, meu melhor livro de leitura capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco. Eu me identificava com as estórias. Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta. Fui a Bela Adormecida no bosque. Fui Pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos. Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal na correria da volta, sempre à espera do príncipe encantado, desencantada de tantos sonhos nos reinos de minha cidade.

Cora Coralina

RESUMO

ALVES, Mariana Rodrigues. **Conto de fadas na vida de crianças**. Monografia (graduação em pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

Os anos passam e os Contos de Fadas tradicionais continuam presentes na vida da criança, divertindo-a e ensinando-a. Os contos nasceram da tradição oral e foram transmitidos de geração para geração até serem registrados em livros. As histórias continuam falando aos pequenos e os ajudando a lidar com problemas que surgem em suas vidas. Como a criança ainda não possui maturidade para lidar com essas situações, a resposta aparece de maneira simbólica, através das histórias. O presente trabalho monográfico teve como objetivo analisar os contos de fadas e entender o porquê das histórias clássicas ainda continuarem fazendo tanto sucesso entre as crianças. Nesta pesquisa buscou-se descobrir também de que maneira os personagens polarizados entre bem e mal, bonito e feio, etc. contribuem com a criança na descoberta de sua identidade e desenvolvimento de sua personalidade.

Palavras-chave: Contos de fadas; Infância; Literatura Infantil

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Contos de fadas.....	26
Figura 2 – Alunos durante a atividade.....	36
Figura 3 – Dedoches dos personagens.....	37
Figura 4 – Desenhando a personagem (Cinderela).....	38
Figura 5 – Desenhando a personagem (João e Maria).....	38
Figura 6 – Desenhando a personagem (João e o pé de feijão).....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 – O LIVRO E OS CONTOS DE FADAS.....	14
2 – PRIMEIROS AUTORES DA LITERATURA INFANTIL.....	16
2.1 – Adaptação das histórias para o público infantil.....	19
3 – A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA AS CRIANÇAS.....	26
4 – CONTOS ATEMPORAIS E POLARIZAÇÃO DOS PERSONAGENS.....	31
5 – TRABALHO DE CAMPO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Desde pequenos a pergunta que mais escutamos é “O que você vai ser quando crescer?”. Somos bombardeados com essa pergunta de todos os lados – principalmente na escola – muitas vezes tendo inclusive que escrever uma redação sobre esse tema. Minha resposta sempre foi veterinária, pois desde criança amo animais. Mas conforme fui crescendo muitas dúvidas surgiram com relação a que profissão exercer. Some-se isso ao fato de que assim que concluímos o Ensino Médio já devemos ter certeza daquilo que queremos e assim, dúvidas e mais dúvidas surgem na nossa mente. No meu caso, posso dizer que “caí de paraquedas” na Pedagogia, mas desde a primeira semana de aula comecei a me apaixonar e descobri que não foi apenas uma escolha, mas sim minha vocação. E depois de já estar cursando Pedagogia há um ano, eis que mexendo em trabalhos da época da escola me deparei com um trabalho do 3º período da Educação Infantil – atual Pré II – cujo título era: “O que você vai ser quando crescer?”. Eu nem me lembrava da minha resposta, mas aos cinco anos de idade eu já sabia o que queria: ser professora.

Ao longo do curso tive contato com diversos assuntos relacionados a educação, mas quando tive que escolher um tema para minha monografia, fiquei em dúvida. Desde o começo da faculdade minhas colegas de turma sempre me viam lendo um livro entre uma aula e outra. Assim, em meio a diversos temas para escolher, uma amiga me sugeriu que eu fizesse sobre literatura infantil – já que eu gostava muito de ler – e na mesma hora me apaixonei pelo tema.

Os contos de fadas estiveram presentes na minha vida desde pequena. Lembro-me que minha mãe sempre contava histórias, mas como ela não sabia muitos contos, ela vivia repetindo uma que até hoje é a minha favorita, Chapeuzinho Vermelho. Ela me contava tantas vezes que ao longo do tempo eu fui gravando cada pedacinho, e assim quando ela começava no “Era uma vez” eu já completava com “uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho”. Fui crescendo e, assim que aprendi a ler, todos os dias eu pegava um livro na biblioteca da escola. Também nessa época, havia um projeto de incentivo a leitura na minha escola e toda semana levávamos um livro para ler em casa. Assim, fui me apaixonando pelo mundo das histórias e da fantasia e me tornei uma amante de livros.

Lembro-me que assim que ouvia ou lia o “Era uma vez” dos contos de fadas eu me desligava e começava a viver dentro da história, juntamente com os personagens. Ficava feliz quando o príncipe salvava a princesa da bruxa má, o patinho feio descobria que na realidade ele era um cisne e a Chapeuzinho Vermelho escapava das garras do lobo. Mesmo já conhecendo o desfecho das histórias, cada pedacinho me encantava e eu prestava atenção como se ainda não conhecesse a história. Hoje reconheço certo brilho nos olhos dos meus alunos. As histórias os deixam tão fascinados que assim que elas acabam eles me pedem para contar de novo.

Por isso, assim que decidi que esse teria o meu tema, me empolguei. Pois é muito bom pesquisar, se aprofundar e escrever sobre aquilo que se gosta e, com isso, ainda poder contribuir para futuros pesquisadores, que assim como eu, gostem e achem de extrema importância um maior entendimento sobre que tipos de contribuição e significados os contos de fadas podem passar para as crianças.

Desde pequena sei o quanto um conto de fadas pode encantar uma criança ao ponto de nada conseguir tirar a sua atenção. Mesmo quando a história acaba, a criança pode continuar revivendo o conto em sua mente por muito tempo. O que muitos não sabem é que por de trás de uma história que para os adultos parece simples, apenas mais uma história de reis, princesa e bruxa, se esconde a resolução de muitos problemas e entraves enfrentados pela criança.

“Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina” (SCHILLER *apud* Bettelheim, 2010). Assim como afirma Schiller, os contos – apesar de fictícios – trazem muito aprendizado, pois a fantasia aborda temas de modo simbólico, que podem ser extraídos pelas crianças.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar os contos de fadas e entender o porquê de – mesmo depois de tantos anos – as histórias clássicas continuarem encantando e divertindo os pequenos. Como objetivo específico, a pesquisa visa descobrir como os personagens polarizados entre bem e mal, bom e mau, forte e fraco, etc. ajudam as crianças na construção de sua identidade e desenvolvimento de sua personalidade.

O presente projeto tem como referencial teórico os seguintes autores: Bruno Bettelheim; o casal de brasileiros Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, Nelly Novaes Coelho, Ligia Cademartori e entre outros. Bettelheim em seu livro “A

psicanálise dos contos de fadas” faz uma análise de diversos contos de fadas e, através deles discute os assuntos abordados em cada história, fazendo um levantamento dos benefícios para o crescimento e desenvolvimento das crianças. Os autores Corso e Corso, no livro “Fadas no Divã”, fazem uma análise sobre a obra de Bettelheim e apontam os aspectos com os quais concordam e discordam. Além disso, o livro traz uma abordagem das histórias tradicionais e das mais atuais, o que nos faz refletir sobre o porquê dos contos de fadas, mesmo sendo tão antigos, continuarem despertando o interesse das crianças. Coelho, em suas obras “Literatura Infantil: teoria, análise, didática” e “O Conto de Fadas: símbolos mitos arquétipos” e Cademartori em seu livro “O que é Literatura Infantil?” falam sobre a história da literatura infantil desde seu surgimento até hoje e o porquê dela ainda fazer bastante sucesso entre as crianças.

O projeto monográfico também conta com uma pesquisa qualitativa realizada numa escola particular, o Colégio Santa Terezinha. Foram realizadas entrevistas com crianças do Pré I e Pré II, com o objetivo de analisar de que maneira os contos de fadas e a polarização dos personagens influencia as crianças na construção de suas personalidades.

O trabalho encontra-se dividido em diferentes capítulos. O primeiro capítulo apresenta a história do livro e sua criação, os materiais utilizados nos primeiros livros e sua evolução ao longo dos anos. Trata também do surgimento dos contos de fadas, seus primeiros autores e a adaptação dos contos para as crianças.

O segundo capítulo trata sobre a importância da leitura para as crianças, analisa-se os possíveis significados que o conto pode ter para os pequenos, sendo um meio de resolver diversas questões e dúvidas que eles tenham.

O terceiro capítulo procura explicar sobre a importância dos contos atemporais e o porquê da polarização dos personagens.

O quarto capítulo descreve a pesquisa de campo, realizada em uma escola particular com alunos da educação infantil de quatro e cinco anos.

1 O LIVRO E OS CONTOS DE FADAS

O livro traz consigo uma longa história. Para começar, ele foi uma grande inovação técnica e até chegar ao formato que todos conhecem hoje, ele passou por muitas mudanças. Segundo Caldeira (2002), o livro tem aproximadamente seis mil anos de história e Coelho (2000) afirma que ele é o maior responsável pela formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. Coelho (2000) ressalta ainda que a literatura – tanto oral como escrita – foi o principal veículo de transmissão de geração para geração da história das culturas.

Na Antiguidade, o homem para registrar sua passagem pelo planeta e expandir seus conhecimentos e experiências, utilizou diversos materiais. Alguns dos utilizados foram: barro, tecidos (principalmente a seda), marfim, metais, bronze, tabuinhas de argila, peles de animais, córtex das árvores, chifres e entre outros materiais tirados da natureza. Com o avanço da escrita, e a descoberta de novos materiais surgiram como principais suportes do livro antigo o papiro, o pergaminho e o papel. O papel surgiu na China no início do século II, mas a invenção levou muito tempo até chegar ao Ocidente.

Mesmo com a produção do papel e a publicação dos livros, estes ainda tinham pouco alcance para a maioria da sociedade. Até o século XV apenas uma pequena minoria de sábios e estudiosos – que constituíam os círculos intelectuais – tinham acesso a bibliotecas, que eram cheia de manuscritos, ricamente ilustrados.

Na Idade Moderna, os livros se tornaram cada vez mais populares e com isso surgiram edições chamadas “Livros de bolso” que, por possuírem um tamanho menor, podiam ser facilmente manuseadas e levadas de um lugar para outro.

Tempos depois, com a Revolução Tecnológica, surgiu o livro virtual – o e-book –, que vem ganhando cada vez mais espaço e conquistando muitas pessoas pela praticidade, seja no transporte ou na forma de leitura. Na internet também é possível encontrar inúmeras páginas destinadas à literatura e com apenas um clique é possível encontrar tudo aquilo que se deseja ler. Logo, as novas tecnologias deram um novo impulso para a literatura, principalmente a infantil, pois as crianças já nascem nesse meio tecnológico e mesmo antes de aprender a ler já possuem uma facilidade enorme em lidar com qualquer aparelho eletrônico.

No futuro, há a possibilidade de que o livro impresso seja completamente substituído por sua versão digital. No entanto, essa realidade parece ainda muito distante, já que os livros impressos continuam sendo considerados uns dos principais suportes para divulgação de informação e conhecimento.

As crianças de hoje em dia já nascem em meio à tecnologia, mas nem por isso os livros impressos deixam de fazer parte da sua vida. Atualmente existem diversos formatos de livros para crianças – os livros de banho; emborrachados; livros de tecido; de capa dura; entre outros – com o objetivo de despertar o interesse das crianças e também incentivar a leitura desde pequenos. Os livros infantis são bem coloridos e com desenhos que chamam a atenção, dessa forma as crianças sentem necessidade de manuseá-los e descobrir a história presente neles.

2 PRIMEIROS AUTORES DA LITERATURA INFANTIL

De origem Celta, as histórias infantis e os contos populares existem desde que o ser humano adquiriu a fala. Os contos nasceram em diversos lugares ao redor do mundo, como África, Índia, China, Japão e do Oriente Médio. Dessa maneira, é difícil saber a origem de cada conto, pois ao longo do tempo eles foram se modificando. Segundo Coelho (2003):

Essas diversas fontes, levadas através dos tempos, para diferentes regiões, por peregrinos, viajantes, invasores, foram-se misturando umas às outras e criando as diferentes formas narrativas “nacionais”, que hoje constituem a Literatura Infantil Clássica e o folclore de cada nação. (COELHO, 2003, p.31)

Os primeiros livros direcionados ao público infantil surgiram no século XVII, através de autores como Charles Perrault e La Fontaine. Ambos publicaram suas coletâneas na França, com histórias recolhidas da memória do povo. No século XVIII, na Alemanha, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm publicaram seus primeiros contos, intitulados “Contos de Grimm”. No século XIX, na Dinamarca, Hans Christian Andersen, considerado o “pai” da literatura infantil, também publicou seus primeiros contos. Nos anos seguintes também surgiram outros autores bastante conhecidos até hoje: O italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz) e o escocês James Barrie (Peter Pan). Estes foram seguidos por diversos autores, que foram imortalizados por suas obras e constituíram padrões de literatura infantil. No Brasil, a literatura infantil pode ser marcada com o livro do autor dinamarquês Hans Christian Andersen, “O Patinho Feio”, que fez bastante sucesso entre as crianças no século XX. Segundo Coelho (2003), o primeiro contato com a leitura das crianças brasileiras, do século XIX e início do século XX foram traduções, que em sua maioria eram feitas por Monteiro Lobato. Posteriormente, Monteiro Lobato lançou seu primeiro livro, “Narizinho Arrebitado”, que foi o responsável pela iniciação literária de muitas crianças. Mais adiante, lançou outros que até hoje cativam milhares de crianças, despertando o gosto e o prazer de ler (Cadermatori, 2010).

No século XVII, na França, especificamente no ano de 1697, Charles Perrault publicou a primeira coletânea de contos infantis intitulada: “Contos da Mãe Gansa”. Nessa coletânea, Perrault reuniu oito estórias: *A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela (ou A Gata Borracheira); Henrique do Topete e o Pequeno Polegar*. Charles Perrault (1628-1703) foi o primeiro autor a escrever livros de histórias para crianças. Perrault coletou contos e lendas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes e adaptou-os ao gosto da corte francesa, constituindo assim, os chamados “*Conte de Fee*”, termo criado pelos franceses. Logo depois se tornou o “*Fairy Tale*” em inglês, e no Brasil, os Contos de Fadas começaram a surgir somente no século XIX, também conhecidos como “Contos maravilhosos” e “Contos da Carochinha”. As histórias coletadas por Perrault que antes eram vistas como vulgares e grosseiras, passaram a ser vistas como modelos literários capazes de socializar, civilizar e educar os filhos da aristocracia sofisticada. Em cada um de seus contos, Perrault acrescentou mensagens sobre comportamentos, valores, atitudes e maneiras de interpretar o mundo. Essas mensagens, porém, muitas vezes não tinham nada a ver com as histórias.

No mesmo século, também na França, Jean de La Fontaine dedica-se as “Fábulas”. Estas também foram recolhidas da memória popular, assim como de outras fontes. Segundo Coelho (2003), Fontaine também procurou outras fontes, como documentos da Antiguidade, parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais ou renascentistas. Entre as fábulas publicadas, as mais populares são: *O Lobo e o Cordeiro; O Leão e o Rato; A Cigarra e a Formiga; A Raposa e as Uvas; Perrete, a Leiteira e o Pote de Leite*, dentre outras.

No século XVIII, na Alemanha, Jacob Grimm e Wilhelm Grimm – mais conhecidos como Irmãos Grimm – publicaram a sua primeira coletânea intitulada “Histórias das crianças e do lar”, conhecida atualmente como “Literatura Clássica Infantil”. Esta coletânea foi dividida em dois volumes que foram lançados respectivamente nos anos de 1812 e 1815, e tinham um título que chamava a atenção por ser bem longo: “Contos maravilhosos infantis e domésticos”. Wilhelm Grimm, num ensaio de 1819, explica o título nas seguintes palavras:

Contos maravilhosos infantis são narrados para que em sua luz suave e pura os primeiros pensamentos, as primeiras forças do coração despertem e vicejem; uma vez, porém, que sua singela poesia, sua íntima verdade pode chegar e instruir todo e qualquer ser humano e, ainda, uma vez que eles permanecem e são transmitidos adiante no círculo familiar, eles também são chamados de contos maravilhosos domésticos. (WILHELM GRIMM, 1819)

Entre os contos mais conhecidos publicados estão: *A Bela Adormecida*; *Chapeuzinho Vermelho*; *A Gata Borralheira*; *O Ganso de Ouro*; *Os Sete Corvos*; *Os Músicos de Bremen*; *A Guardadora de Gansos*; *Joãozinho e Maria*; *O Pequeno Polegar*; *As Três Fiandeiras*; *O Príncipe Sapo* e entre outros. Os contos foram baseados em diversas fontes, tanto orais quanto escritas. Os irmãos Grimm passaram muitos anos pesquisando diversas fontes para enfim elaborar a versão “definitiva” de cada conto. Os contos dos Grimm, em sua primeira publicação, ainda possuíam histórias onde prevalecia a crueldade. Porém, influenciados pelo ideário cristão, esses episódios de violência e maldade – principalmente aqueles que eram praticados contra crianças – foram adaptados e retirados dos contos. Com isso, os contos dos Grimm fizeram muito sucesso, o que abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil.

No século XIX, na Dinamarca, Hans Christian Andersen deu continuidade ao acervo da Literatura Infantil Clássica iniciado pelos Grimm. Andersen é considerado o “pai” da literatura infantil, pois ao contrário dos outros autores, ele não retirou suas histórias da memória popular ou de quaisquer outras fontes. Andersen se dedicou exclusivamente a escrever contos para as crianças e por isso é considerado o primeiro escritor infantil. Ele é autor de cerca de cento e sessenta contos e seis romances, além de poesias e de uma autobiografia. Além disso, suas obras foram traduzidas para mais de cem línguas. Segundo Coelho (2003), Andersen seguia os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais de fraternidade e de generosidade humana. Com isso ele se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração. Seus contos exploram a realidade cotidiana, na qual impera a injustiça social e o egoísmo. Dessa forma, os contos de Andersen, em sua maioria, são tristes e com finais trágicos. Entre os contos mais conhecidos estão: *O Patinho Feio*; *Os Sapatinhos Vermelhos*; *O Soldadinho de Chumbo*; *A Pequena Vendedora de Fósforos*; *O Rouxinol* e o

Imperador da China; A Pastora e o Limpador de Chaminés; Os Cisnes Selvagens; A Roupa Nova do Imperador; Nicolau Grande e Nicolau Pequeno; João e Maria; A Rainha da Neve, entre outros.

2.1 ADAPTAÇÃO DAS HISTÓRIAS PARA O PÚBLICO INFANTIL

De acordo com diversos estudiosos, a época mais provável do surgimento da Literatura Infantil foi a partir do século XVII, na época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês (Azevedo, 2001, p.1). A partir daí, foram criados e preparados livros especialmente para crianças, com intuito pedagógico – utilizados como instrumento de apoio ao ensino –, e cuja preparação levou em consideração os valores e as crenças da época, com o objetivo de estabelecer os padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia (Correia e Oliveira, 2005; Azevedo, 2005 *apud* Pereira, 2007).

Na época Medieval não existia uma infância no sentido que conhecemos hoje. Os adultos não tinham para com as crianças o “cuidado” que existe atualmente com relação ao bem estar e a saúde. Elas eram tratadas, segundo Ariès *apud* Azevedo (2001), como se “fossem bichinhos de estimação”. Era muito comum a morte de crianças pequenas por falta de higiene, doenças e até fome. A morte delas era vista como algo natural, substituível, extremamente corriqueiro e não havia muito sofrimento, visto que logo nasceria outra criança.

Desde pequena, a criança era vista como um adulto em miniatura: se vestia com roupas iguais as de adultos, participava de reuniões, festas e danças, realizava as mesmas atividades que os adultos. Assim que completava sete anos de idade, começava a aprender uma profissão para exercer e, segundo Ariès (1981), tornava-se útil na economia familiar, realizando tarefas e imitando seus pais, acompanhando-os em seus ofícios. Ariès completa “... no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido...” (ARIÈS, 1981, p.51)

Nessa época as crianças, que sempre participavam de todas as atividades juntamente com os adultos, estavam também inseridas em todos os temas da vida

adulta, como sexualidade, morte, crenças e comemorações que eram vivenciadas por toda a comunidade. As crianças também participavam das contações de histórias que aconteciam assim que anoitecia e toda a comunidade se sentava ao redor de uma fogueira para ouvi-las. Essas histórias, destinadas ao público adulto, eram uma forma de ajudar os camponeses a atravessar as longas noites de inverno e, assim, ficarem acordados para escapar de qualquer ameaça durante a noite como, por exemplo, lobos. Cashdan (2000, p.20) ressalta que os contos de fadas foram originalmente concebidos como entretenimento para os adultos e eram contados em reuniões sociais, nas salas de fiar, nas casas de chá, nos campos de lavouras, nas aldeias e em outros ambientes onde os adultos se reuniam. Como nessa época não existia uma preocupação com as crianças, os contos não eram adaptados ao público infantil. Suas narrativas eram carregadas de detalhes violentos, cruéis e até mesmo eróticos, sempre inspirados em seu cotidiano. Logo, por mais que estivesse presente no momento da história, na maioria das vezes a criança não entendia a moral presente nela, pois elas não eram adaptadas para os pequenos e, dessa forma, a criança acabava não entendendo alguns dos significados presentes nas mesmas. Segundo Corso (2006), as narrativas populares europeias, matrizes dos modernos contos infantis não apresentavam “a riqueza simbólica que faz dos contos de fadas um depositário de significações inconscientes aberto à interpretação psicanalítica”.

Azevedo (2001) afirma que nessa época era comum a crença no fantástico. As histórias que eram contadas em roda envolviam poderes sobre-humanos, gigantes, bruxas, entre outros. Logo, foi nesse período que surgiram os contos que até hoje conhecemos, passados de geração em geração. Uma vez que eram transmitidos oralmente, essas histórias sofreram algumas alterações ao longo do tempo, podendo ter ganhado mais detalhes. Mas a história em si e a maioria dos personagens permaneceram inalterados. Uma curiosidade dessa época é que as histórias eram contadas como se cada detalhe fosse real, o que fazia com que muitos camponeses afirmassem que determinada história havia acontecido com eles e, assim, essas histórias viravam lendas e mais tarde “contos maravilhosos”. A palavra “maravilhoso” segundo Coelho (2003, p. 79) é utilizada devido ao fato de serem histórias que envolviam uma problemática material/social/sensorial – a busca de riquezas; a conquista de poder; a satisfação do corpo – ligada basicamente à realização socioeconômica do indivíduo em seu meio. Além disso, essa narrativa

desenvolve-se no cotidiano mágico onde não há a existência de fadas, mas há a presença de – animais e plantas falantes, duendes, objetos mágicos, gênios – a exemplo: *O Gato de Botas e O pescador e o gênio*. Moreno (2010, p.2) afirma que os contos maravilhosos nasceram para “falar” aos adultos, o que explica a presença constante da moralidade e exemplares de boa conduta. Cademartori (1986, p.41) diz que por meio de narrativas curtas, o leitor ou ouvinte deverá assimilar ensinamentos religiosos, éticos e até mesmo sobre sexualidade, constituindo “uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica”.

Diferentemente dos contos maravilhosos, os contos de fadas, segundo Coelho (2003, p.79) giram em torno de uma problemática espiritual/ética/existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do Amor. Sua trama desenvolve-se no espaço da Magia Feérica podendo haver a presença de fadas, reis, rainhas, bruxas, gigantes, objetos mágicos – a exemplo: *A Bela Adormecida e Rapunzel*.

Segundo Cunha (1998, p. 70), a obra literária para crianças é essencialmente à mesma obra de arte para o adulto. Coelho (2000, p.41) afirma que existem fatores comuns nas histórias voltadas para o público adulto e o infantil, como a popularidade e exemplaridade. A maioria das histórias clássicas da literatura infantil surgiu no meio popular através de mitos e lendas. Elas eram contadas em rodas ou de pai para filho e assim foram se tornando populares, passando de geração para geração.

Os contos populares medievais traziam doses fortes de adultério, incesto, canibalismo e mortes hediondas. A chegada do Romantismo trouxe ao mundo um sentido mais humanitário e, com isso, os contos sofreram algumas mudanças. Nas adaptações feitas pelos Grimm e por Perrault, essa crueza foi “suavizada”. As histórias ainda possuíam partes que provocavam medo nas crianças, pois estes contos eram utilizados para lembrar que elas viviam em um mundo em que estavam muito mais expostas, convivendo diariamente e de forma direta com a violência e a morte. Ser devorado por um lobo, por exemplo, era um risco real para aqueles que viviam em determinadas regiões próximas de florestas. Dessa forma, os contos eram escritos de uma maneira que “assustasse” as crianças, para que assim elas não fizessem aquilo que estava descrito no conto. Caso contrário, sofreriam as mesmas consequências dos personagens. Segundo Cashdan (2000, p.23):

Alguns folcloristas acreditam que os contos de fada transmitem 'lições' sobre comportamento correto e, assim, ensinam aos jovens como ter sucesso na vida, por meio de conselhos. (...) A crença de que os contos de fada contém lições pode ser, em parte, creditada a Perrault, cujas histórias vem acompanhadas de divertidas 'morais', muitas das quais inclusive rimadas. (CASHDAN, 2000, p.23)

Para exemplificar a crença de que os contos eram utilizados para passar determinados valores e padrões tidos como corretos, a fim de que as pessoas fossem influenciadas a segui-los, pode-se tomar como exemplo uma das histórias mais populares de todos os tempos: *Chapeuzinho Vermelho*.

A história de Chapeuzinho Vermelho possui diferentes tipos de versões, com finais diversificados. Como Cashdan (2000) afirma acima, um dos pioneiros a creditar morais para as histórias infantis foi Perrault, e a sua versão de Chapeuzinho – que não é a mais conhecida – foi voltada, de certa forma, para a descoberta da sexualidade da menina. Na versão de Perrault, a menina vai visitar sua avó doente e no meio do caminho encontra com o lobo, que convence Chapeuzinho a tomar um caminho mais longo para que assim ela possa colher lindas flores para a sua avó. Em seguida, o lobo pega o caminho mais curto e chega à casa da vovó, devorando-a logo em seguida. Assim que Chapeuzinho chega, o lobo, disfarçado, solicita que a menina coloque a cesta em cima da mesa e venha se deitar com “ela”. Em meio a diversas perguntas em relação à aparência estranha da avó, o lobo é questionado sobre o porquê de seus dentes serem tão grandes e imediatamente responde que “são para comê-la”, saltando para cima de Chapeuzinho e devorando-a. Logo após o conto, Perrault *apud* Tatar (2004) conclui com um texto de caráter moralizante:

Vimos aqui que as meninas, e sobretudo as mocinhas lindas, elegantes e finas, não devem a qualquer um escutar. E se o fazem, não é surpresa que do lobo virem o jantar. Falo “do” lobo, pois nem todos eles são de fato equiparáveis. Alguns são até muito amáveis, serenos, sem fel nem irritação. Esses doces lobos, com toda educação, acompanham as jovens senhoritas pelos becos afora e além do portão. Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos, são, entre todos, os mais perigosos. (PERRAULT *apud* TATAR, 2004, p.3)

Segundo Moreno (2010), embora contado em forma de metáfora, o conto foi feito para advertir as camponesas para o risco da sedução. Outros contos de Perrault também tinham uma moral ao final da história, o que se deve ao caráter bastante moralista quanto ao comportamento feminino para com os homens na

França do século XVII. Essa versão da Chapeuzinho Vermelho provavelmente não seria contada para as crianças atualmente, por ter um conteúdo considerado muito “adulto”. Porém, antigamente as crianças – por serem vistas como adultos em miniatura – tinham livre acesso a esses contos.

Quando se compara a versão de Perrault com a dos Irmãos Grimm (século XIX), já se percebe uma grande diferença, pois essa versão da Chapeuzinho é mais suave, com um final em que aparece o lenhador salvando a vovó e a menina do lobo. A versão dos Grimm é a mais utilizada até os dias de hoje, por possuir um final feliz para a menina, fazendo com que as crianças também fiquem felizes.

Com relação às histórias originais dos contos de fadas – principalmente as histórias que trazem diversas princesas como: Branca de Neve, A Bela Adormecida, Rapunzel, A Bela e a Fera, Cinderela, entre outras –, muitas pessoas nunca tiveram acesso a essas versões, que envolviam adultério, incesto e abuso sexual. Caso tivessem curiosidade e pesquisassem os contos originais, com certeza ficariam horrorizadas com tamanha brutalidade. No mundo de hoje é muito comum as crianças serem privadas de qualquer cena de violência e maldade, mas antigamente cenas assim eram utilizadas como forma de “aviso”. As crianças eram instruídas a seguir pelo caminho certo, caso contrário sofreriam as consequências.

Ao longo de sua trajetória, os contos foram submetidos a rigorosos processos de censura, que se caracterizavam pelo desejo de tornar as narrativas folclóricas “apropriadas” ao público infantil. A primeira edição dos Contos Maravilhosos dos irmãos Grimm, datada de 1812, também era composta por histórias que continham violências, atrocidades e passagens de cunho sexual mais explícito. Logo que foi lançado, percebendo que os contos fizeram bastante sucesso entre os adultos e principalmente entre as crianças, Wilhelm Grimm, decidiu fazer uma segunda edição dos contos moldando as histórias para a leitura infantil e assim atenuando as passagens de cunho sexual e de violência.

Uma das histórias que sofreram alterações foi a da Rapunzel. Na primeira edição dos Contos Maravilhosos, Rapunzel, em determinado momento, diz a fada má (ou bruxa): “Sabe, senhora Gothel, as minhas roupas estão tão apertadas que não estão querendo servir mais”. Nesta fala da princesa, fica claro que, com as constantes visitas do príncipe, Rapunzel acabou ficando grávida, o que fez com que suas roupas ficassem apertadas. Na segunda edição dos contos, a fala da princesa foi modificada para: “Sabe, senhora Gothel, vai ficando cada vez mais difícil para

mim puxar a senhora aqui para cima do que alçar o jovem príncipe”. Com esta mudança na frase, o sentido da passagem é modificado, com a princesa por um descuido revelando à bruxa que recebia visitas constantes do príncipe, ao comparar o peso de ambos.

Comparando as duas versões é possível notar como uma única frase muda todo o sentido da história. Na primeira versão a história tem um cunho mais sexual, no qual a princesa fica grávida com as visitas do príncipe. Já na segunda versão, Rapunzel, por um descuido, acaba confessando a bruxa que recebia visitas do príncipe, porém a parte que envolve a sexualidade não está presente, visto que a princesa apenas compara o peso da bruxa com o do príncipe.

Assim como nos exemplos acima, inúmeros outros contos também foram modificados em decorrência do interesse das crianças em lê-los. As histórias que em sua maioria continham fadas – que eram a idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa – bruxas, princesas e poderes sobrenaturais encantavam as crianças. Percebendo esse interesse dos pequenos nesses contos e na fantasia inserida neles, as sociedades a partir do século XIX, segundo Oliveira (2010, p.14), sentiram a necessidade de utilizar essas histórias aliadas à educação, para ajudar a formar a personalidade dessas pequenas pessoas.

A partir daí, com o surgimento de uma literatura específica para as crianças, a Literatura Infantil, novos autores foram surgindo e assim inúmeros outros contos foram criados e os antigos foram sofrendo diversas modificações.

Algumas histórias passaram por tantas alterações, que ficaram completamente diferentes da original ou, muitas vezes, o conto atual é uma mistura de duas ou mais narrativas. Por esse motivo, muitas histórias se tornaram irreconhecíveis. Mas como explicar que contos tão antigos ainda estejam tão presentes no mundo atual e sejam aclamados por crianças e adultos? Segundo Coelho (2000, p.44), estes contos continuam “falando” aos homens porque devido à verdade geral que expressam e ao meio metafórico com que foram concretizados, podem ser continuamente atualizados. Oliveira (2010) afirma que:

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. (OLIVEIRA, 2010, p.33)

Os contos, além de servirem como entretenimento para os pequenos, carregam consigo diversos outros significados que a criança vai descobrindo ao longo da leitura. Por isso é muito importante que elas tenham contato com histórias desde pequenas.

3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA AS CRIANÇAS

Figura 1 – Contos de fadas



Fonte: www.nomundodoslivros.com.br

Todas as pessoas, em alguma fase de suas vidas, já tiveram contato com contos de fadas, seja em histórias contadas, lidas ou até assistidas. Porém, muitas não dão muita importância para os contos por não saberem o real valor das histórias, e assim acabam não se importando em transmiti-las para seus próprios filhos. Ao contrário do que muito pensam, as histórias não servem somente para entreter e divertir. Os contos trazem consigo muitos significados e provocam diversas reações nas crianças. Abramorich (1997) afirma:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMORICH, 1997, p.17)

Apesar de hoje em dia os contos de fadas terem se tornado muito populares, algumas crianças ainda têm pouco contato com eles. Antes de entrarem na escola, os familiares deveriam ser os responsáveis por transmitir essas histórias, porém

muitas vezes esse contato não é considerado importante ou, na correria do dia a dia, outras atividades que a criança possa desenvolver sozinha – com assistir televisão – são priorizadas. Desta maneira, o primeiro contato com os contos de fadas se dará na escola (o que também só ocorre se houver incentivo dos professores). Oliveira (1996) afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico e o outro, para o desenvolvimento psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. (OLIVEIRA, 1996, p.27)

Algumas crianças até conhecem os contos, mas em versões simplificadas, que lhes tiram o sentido e o significado. É o caso dos livrinhos infantis (que muitas vezes são bem resumidos) e os filmes (que são feitos apenas para entreter a criança). Os filmes nem sequer estimulam a imaginação da criança, pois as imagens da história já veem todas prontas (ao contrário do livro que apenas mostra algumas imagens e estimula a criança a imaginar o resto).

Segundo Bettelheim (2004), a criança tem muitas questões / perguntas que só através dos contos de fadas podem lhe ser respondidas. Muitas pessoas acreditam que as histórias servem somente para divertir as crianças, porém elas não buscam apenas diversão, elas querem algo mais. As crianças, enquanto ouvem as histórias buscam nelas a resolução de algum problema interno, alguma resposta que elas não conseguem encontrar na vida real. Bettelheim (2004) afirma também que a fantasia preenche as enormes lacunas na compreensão de uma criança, que existem devido à imaturidade de seu pensamento e à sua falta de informação pertinente. Muitas vezes a criança se depara com alguma questão/problema a qual/o qual é muito nova/imatura para compreender e a literatura funciona como uma válvula de escape, permitindo que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico e busque uma solução para eles. Segundo Oliveira (2011), ao ouvir ou ler os contos, o psiquismo da criança se desenvolve. Ela é apresentada ao desafio intelectual de compreender uma narrativa rica, intrincada e bem tecida, sendo os contos de fadas capazes de ajudar as crianças a superar obstáculos e vencer os conflitos internos, como a morte, o envelhecimento, a luta entre o bem e o mal e a inveja, que são abordados nos contos de fadas com desfechos otimistas.

Na maioria das vezes em que uma criança ouve uma história, logo ela se identifica com um dos personagens. Isso acontece porque a criança percebe que a personagem está passando exatamente pelo mesmo problema que ela está vivenciando. Logo, inconscientemente, ela projeta partes dela mesma na personagem na busca de soluções para os problemas da vida real. Há uma identificação e logo em seguida a criança – tomando como exemplo aquilo que a personagem fez para resolver seu problema – busca uma resolução para a sua própria questão. Por esse motivo, muitas vezes a criança pede para que recontemos a história. Segundo Bettelheim (2004), a criança extrai significados diferentes do mesmo conto de fadas. Assim que contamos pela segunda vez a mesma história, a criança pode interpretá-la de uma maneira diferente, e assim, extrair do conto outros significados.

Um conto pode ter diversos significados e cabe à criança descobri-los. Mas isso depende muito dos problemas com os quais a criança está vivenciando em determinado momento. Uma criança de três anos quando ouve uma história pode entendê-la de uma determinada maneira; outra criança, de seis anos, já poderá entender de uma maneira completamente diferente e dar significados também diferentes. Isso pode acontecer porque ela está numa fase de vida mais “madura”. Suas questões são outras, totalmente diferentes de uma criança de três anos. Por exemplo, aos três anos uma criança está normalmente entrando na escola. Suas questões podem estar ligadas a separação dos pais durante o período da aula e as novas coisas que ela irá aprender. Já uma criança de seis anos se encontra numa fase diferente. Ela já está acostumada em ir para a escola, provavelmente ela terá saído do jardim de infância e estará aprendendo a ler e escrever. O momento de vida é outro e as questões e dúvidas não são as mesmas. Bettelheim (2004) explica que o significado dos contos de fadas será diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa – que pode voltar ao mesmo conto quando se sentir preparada para ampliar ou substituir seus significados – em cada época da sua vida.

Além dos diferentes momentos da vida que a criança está vivendo, um outro fator que influencia no interesse da criança pela história é o conteúdo. Segundo Bettelheim (2004):

Estórias estritamente realistas correm contra as experiências internas da criança; ela as escutará e talvez extraia alguma coisa delas, mas não pode extrair muito significado pessoal que transcenda o conteúdo óbvio. (BETTELHEIM, 2004, p.69)

Bettelheim (2004, p.81), completa dizendo que “as estórias mais próximas da realidade tendem a confundir a criança quanto ao que é real e o que não é”. A criança tem um processo diferente do adulto. Ela tem dificuldade em entender e lidar com alguns problemas com os quais se depara e busca nos contos a resolução de suas dúvidas. Dessa forma, se as histórias forem mais parecidas com a sua realidade, a criança não conseguirá encontrar a resposta que deseja. Isso acontece porque ela, nessa fase de sua vida, se identifica mais com um mundo de fantasia e essas histórias trazem consigo sugestões de problemas em forma simbólica.

As histórias, de maneira simbólica, tentam preparar a criança para a vida adulta. É o caso do herói que abandona sua casa e vai para a floresta sozinho. A floresta simboliza o mundo, que a criança deverá “enfrentar” quando crescer, com seus perigos e obstáculos.

Outros contos também preparam as crianças para outros tipos de problemas enfrentados na infância: a criança que acaba de ganhar um irmãozinho pode se identificar com “Cinderela”, pois sente ciúme do irmão; a criança que se sente diferente de sua família, principalmente nos aspectos físicos, pode se identificar com “O Patinho Feio”, por achar que pertence a outra família; aquela que sofreu com o abandono dos pais, pode se identificar com “João e Maria”. Esses e outros contos trazem consigo diversos aspectos que podem provocar uma identificação da criança, fazendo com que ela procure nestas histórias uma resolução para aquilo que veem passando.

Os contos de fadas, quando comparados, possuem a mesma estrutura, que faz com que a criança busque neles a resolução de seu problema. Oliveira (2014), explica que todas as histórias começam com uma problemática existencial. Ou seja, logo de cara a criança se depara com um problema que deve ser resolvido pelo personagem principal. Em seguida são apresentados os personagens – que se dividem em bons e maus – e o cenário onde a história acontece, que geralmente é um lugar distante. Segundo Tolkien *apud* Bettelheim (2004, p.177), o personagem principal após passar por um momento de desespero profundo, descobre uma maneira de solucionar seu problema e em seguida encontra o final feliz. Dessa

forma a criança acaba se identificando por também ter um problema para resolver e assim, inspirado no personagem, acaba encontrando a solução de seu problema. Um ponto importante é o final feliz, que segundo Tolkien apud Bettelheim (2004, p.177), deve existir em todas as histórias de fadas completas, pois se a história tiver um final triste, a criança se sentirá sem nenhuma esperança e desmotivada para resolver seu problema.

4 CONTOS ATEMPORAIS E POLARIZAÇÃO DAS PERSONAGENS

Como foi mencionado anteriormente, os contos de fadas, desde a época medieval, atraíam as crianças devido a “magia” presente nos mesmos. Apesar de no início serem voltados exclusivamente para os adultos e apresentarem violência, canibalismo, mortes hediondas e entre outras atrocidades, os contos possuíam um lado mágico. Era constante a presença de fadas, bruxas, anões e inúmeros seres mágicos, e esses elementos acabavam despertando o interesse da criança. Tempos depois, esses contos foram adaptados e a crueldade presente nos mesmos foi suavizada para que as crianças pudessem ter acesso a uma literatura própria para elas.

Sabe-se que as crianças começaram a gostar dos contos devido aos seres mágicos presentes neles. Mas, além disso, a criança não vê o conto somente como entretenimento. Para ela as histórias carregam outros significados.

A infância é uma fase da vida de muitas descobertas na qual as crianças acabam tendo dúvidas e diversos problemas para resolver. Porém, elas não sabem lidar com essas questões da mesma maneira que um adulto, pois as crianças ainda estão aprendendo a diferenciar o certo do errado e o bom do mau. Bettelheim (2004, p.83) ressalta que “há um tempo certo para determinadas experiências de crescimento, e a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real”. Dessa maneira, para ajudar as crianças a resolverem seus problemas – sem deixar, é claro, de ser uma forma de entretenimento – os contos trazem alguns fatores que fazem com que elas se divirtam ao mesmo tempo em que aprendem.

Todos os contos de fadas possuem algumas características em comum, estas são essenciais para que a criança perceba que está entrando em um mundo mágico. Animais que falam, fadas madrinhas, reis e rainhas não podem faltar, assim como a introdução do conto. Quando um conto se inicia geralmente as primeiras frases utilizadas são: “Era uma vez...”, “Num reino encantado...”, “Num lugar não muito distante...”. Essas frases fazem com que a criança perceba que está entrando num mundo diferente do seu, um mundo mágico e imaginário. Esse lugar é atemporal e lá tudo é possível, embora ele também possua elementos presentes na vida real. Segundo Radino (2003):

Todo conto se inicia em um outro tempo e em outro lugar e a criança sabe disso. Ao iniciar um “era uma vez”, a criança sabe que partirá em uma viagem fantástica e que dela retornará com um “viveram felizes para sempre” (...) Esses rituais mostram que vamos tratar de fantasia, de uma Terra do Nunca. Quando nós, adultos, entramos em um cinema, ao se apagarem as luzes, não questionamos se o filme é real ou não. Embarcamos nessa viagem e identificamo-nos com os personagens, chorando e dando risadas. Quando as luzes se acendem, às vezes saímos um pouco tontos da sala de projeção, mas retornamos ao nosso mundo real. (RADINO, 2003, p.135)

Como afirma Radino, a criança sabe que partirá numa viagem fantástica. Essas palavras fazem com que ela seja transportada para um mundo mágico, no qual estará “aberta” para novas experiências e descobertas.

Apesar de os contos se iniciarem com frases que não especificam o lugar e o tempo da narrativa, as histórias trazem um ambiente bastante familiar para as crianças, pois incluem temas comuns ao seu dia a dia como: família, pobreza, abandono, desejos, medos, sonhos e inseguranças. Tais temas fazem com que a criança se identifique com a história, principalmente se estiver vivendo uma situação parecida com a do conto.

Além do início da história e do seu tema principal, outro aspecto que faz com que a criança se identifique com a história é a personagem principal.

Quando se lê ou se ouve uma história, logo no começo apresenta-se a personagem principal. Em algumas histórias, esta personagem é identificada de maneira genérica: mulher, jovem e princesa. Os outros personagens permanecem anônimos: mãe, pai, irmão, madrasta, rei e príncipe. Em outras histórias, a personagem principal terá um nome, que na maioria das vezes é bem comum (ou um apelido), como por exemplo: João e Maria, Rapunzel, Branca de Neve, Cinderela (Gata Borralheira). Essas formas de identificação dos personagens facilitam a memorização e tornam a narrativa apropriada à oralidade. Além disso, o personagem possui características bem comuns, o que faz com que a criança acabe se identificando. Bettelheim (2010), explica:

Nos contos de fadas os personagens não possuem um nome, apenas um apelido. Mesmo aqueles que possuem, como “João e Maria”, são nomes bem comuns, tornando-os assim, genéricos, valendo para qualquer menino ou menina. Assim, as crianças se identificam com esses personagens. (BETTELHEIM, 2010, p.51)

Como as histórias seguem um “padrão” de desenrolar é fácil notar as diferenças de um personagem para o outro. Logo no começo é apresentado o personagem principal, sempre o mocinho ou mocinha da história. Seu nome é apresentado juntamente com o lugar em que vive (geralmente uma casa pobre ou um castelo), suas características (cor do cabelo e da roupa), e em seguida é exaltado o quanto a personagem é boa (por ser boa filha, prestativa, ter um bom coração). No meio da história, a personagem principal se depara com um problema, que na maioria das vezes está relacionado com outro personagem de personalidade oposta a sua: enquanto a(o) mocinha(o) é totalmente bom, o outro é totalmente mau.

Nos contos também encontramos personagens polarizados, bons ou maus em sua totalidade. Bettelheim (2010) afirma que os contos de fadas levam a criança a descobrir sua identidade e que é essa união de personagens opostos que facilita o desenvolvimento da personalidade da criança.

Diferentemente do que muitas pessoas pensam, as crianças não são influenciadas pelo certo ou errado quando escolhem suas personagens favoritas, mas sim pela simpatia que estes despertam ou não. Geralmente a criança escolhe o herói ou heroína por querer se parecer com ele(a). Muitas vezes as personagens maus são apresentados como sedutores, atrantes – o poder da bruxa, o poderoso dragão ou gigante, a esperta rainha da Branca de Neve –, e, ao longo da história demonstram ser mais espertos do que os personagens bons (que acabam sendo mostrados como tolos e inocentes), podendo até vencer em alguns momentos. Mas ao final da história, são os maus que acabam sendo derrotados, e, assim, o conto ensina as crianças que “o crime não compensa”. A criança acaba se identificando com o personagem bom, pois apesar de todos os problemas enfrentados, ele consegue superá-los e no final consegue ter um final feliz. A criança também deseja isso – chegar ao seu final feliz – apesar de todas as dificuldades. Bettelheim (2010) completa:

Não é o fato do malfeitor ser punido no final da estória que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê. Nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa má sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a esta identificação a criança imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. A criança faz tais identificações por conta própria e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. (BETTELHEIM, 2010, p. 55)

Os contos são formadores de caráter, pois despertam o senso crítico da criança, fazendo-a refletir entre o pensar e o agir. Dessa maneira, a criança vai construindo sua identidade e personalidade. Através das histórias – com seus personagens bons e maus – a criança começa a diferenciar o certo do errado e assim opta por aquilo que mais a agrada.

Algumas pessoas ainda pensam que a criança deveria apenas ter contato com imagens positivas e agradáveis, como se só existisse o lado bom e belo das coisas na vida real. Segundo Bettelheim (2010), “a apresentação das polarizações de caráter permite à criança compreender facilmente a diferença entre as duas”, já que a polarização domina a mente da criança. Tomando como exemplo a relação da mãe com a criança, pode-se entender melhor essa situação. A criança desde pequena está acostumada a ter uma mãe que sempre satisfaça seus desejos, porém, à medida que cresce, a mãe começa a fazer exigências e passa a não atender a tudo o que o filho lhe pede. Nesses momentos, a criança acostumada a receber tudo aquilo que desejava, acha que a mãe boa foi substituída por uma má. Em seu pensamento infantil, ela nunca pensará que a mãe que lhe faz cobranças é a mesma que a mimava. Por isso, não é saudável evitar que as crianças enfrentem situações de conflitos nos contos, pois quando crescerem e tiverem que lidar com algum problema, não saberão como fazê-lo, e se sentiram perdidas e sozinhas.

5 TRABALHO DE CAMPO

O projeto foi realizado em uma escola privada do município de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. O público alvo foram os alunos do Pré I e Pré II, com idades entre quatro e seis anos.

O Colégio Santa Terezinha, fundado em 1930, é uma escola que atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio nos turnos manhã e tarde. A escola possui uma biblioteca com um grande acervo literário onde os alunos podem fazer empréstimos de livros. Além disso, possui projetos de leitura específicos para cada seguimento de ensino.

O lugar escolhido para realizar a atividade foi uma sala de leitura e vídeo, por ser um local silencioso. Com o objetivo de um contato mais próximo com as crianças, elas foram divididas em grupos de no máximo cinco integrantes para que assim fosse possível ouvir e registrar perfeitamente a fala de cada uma.

O material utilizado na pesquisa de campo para registrar os dados obtidos foi um caderno de registro e recursos de áudio (gravador) e imagem (câmera).

As crianças se mostraram animadas em realizar a atividade proposta e em nenhum momento demonstraram timidez, visto que o meu contato com elas é diário.

Em um primeiro momento foram selecionados diversos contos de fadas – Cinderela, Rapunzel, João e Maria, João e o pé de feijão, Branca de Neve, A Bela e a Fera, A Bela adormecida e Chapeuzinho Vermelho – e as crianças, depois de questionadas sobre quais histórias elas conheciam e quais não, escolheram uma para ser contada em voz alta. Esse momento foi utilizado para descobrir com quais contos as crianças já tiveram contato ou não e o interessante da leitura foi perceber que as crianças conheciam tão bem a história que antecipavam algumas partes.

Depois de terminada a leitura, cada criança escolheu a sua história favorita e depois uma personagem presente no conto do qual ela mais gostasse e se identificasse. Feita a escolha, explicou-se as crianças que a partir daquele momento elas iriam ser aquela personagem e imaginar uma história para elas. Através dos relatos, foi possível perceber que as crianças, em sua maioria, optaram pela personagem principal da história, por ele ser descrito como “bonzinho” e porque mesmo depois de todas as dificuldades enfrentadas, ela consegue ter um final feliz.

Aqueles que não escolheram o mocinho ou mocinha escolheram um dos outros personagens tidos como “bons”. Quando questionados do porquê da escolha, respondiam exatamente isso, que a personagem era boa e que queriam ser igual a ela.

Figura 2 – Alunos durante a atividade.



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Num segundo momento, foram utilizados “dedoches” das personagens das histórias. Dentre todos os personagens, eram selecionados três deles – de preferência dois tidos como “maus” e um “bom” – e a criança deveria escolher aquela personagem que mais se identificava e explicar o porquê. Nesse momento a maioria das crianças optou, novamente, pelos personagens bons. Os poucos que optaram pelos outros personagens deram algumas explicações interessantes. Um dos alunos que escolheu o Lobo Mau disse que o motivo de sua escolha foi porque o Lobo não era mau, apenas rabugento em alguns momentos, assim como ele, que era bom mas ficava “nervoso” com algumas situações.

Figura 3 – Decoches dos personagens



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Ao final, foi entregue uma folha onde a criança deveria desenhar o personagem que ela tinha escolhido juntamente com uma cena da história. O desenho é uma forma da criança se expressar, já que muitas vezes ela não consegue colocar em palavras tudo aquilo que pensa e sente (ou a timidez a impede de fazê-lo). E como já foi comentado, a literatura nasceu através de desenhos. Lowenfeld (1977) apud Correia (2012) afirma que:

O desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através do desenho a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade. (LOWENFELD, 1977, *apud* CORREIA, p.12, 2012)

Compartilhando do mesmo pensamento, Derdyk (1989) apud Correia (2012) explica “que o desenho é uma ferramenta para os adultos interpretarem o pensamento da criança, visto ser o resultado do que a criança vê, pensa e imagina”. O desenho é uma forma de antecipação da escrita e pode revelar aspectos da vida de uma criança até então desconhecido pelo professor.

Essa atividade ajudou a compreender como as crianças enxergam as personagens, suas preferências por alguns deles e como a polaridade influencia na escolha. As crianças, em sua maioria, se identificam com a personagem boa, pois querem encontrar o seu próprio final feliz (nas histórias inventadas por elas esse

ponto pode ser notado). Todas as histórias envolviam aspectos da sua vida e ao final possuíam um final feliz.

Figura 4 – Desenhando o personagem (Cinderela)



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Figura 5 – Desenhando o personagem (João e Maria)



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Figura 6 – Desenhando o personagem (João e o pé de feijão)



Fonte: Acervo da autora, 2014.

Um dos pontos interessantes observado durante a atividade foi o relato de algumas crianças que acreditavam que o personagem mau pode ter a oportunidade de se arrepender e se tornar bom. A Fera da história “A Bela e a Fera” foi um dos exemplos, ela é vista como má no início da história, porém quando as crianças percebem que ela trata a Bela bem, os pequenos passam a enxergá-la de uma maneira diferente, percebendo assim que ela agora é boa. Bruxas boas também viraram personagens em algumas histórias, assim como gigantes. Dessa maneira, a criança quando toma alguma atitude má, sabe que ela também pode se arrepender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo monográfico me fez ficar ainda mais próxima de um tema que está presente na minha vida desde a infância e que até hoje me desperta sentimentos bons e lembranças felizes: a Literatura Infantil. O conto de fadas não é voltado exclusivamente para o entretenimento das crianças; a simbologia presente nas histórias contribui também para que os pequenos resolvam seus problemas existenciais. As histórias repletas de personagens polarizados ajudam também no desenvolvimento da personalidade e do caráter infantil, já que despertam o senso crítico da criança, fazendo-as refletir entre o certo e o errado.

Vimos que os contos de fadas não foram criados exclusivamente para as crianças; ao contrário, os contos que nasceram a milhares de anos e foram passados de geração para geração através da oralidade eram voltados para o público adulto, uma vez que despertaram o interesse das crianças, foram adaptados.

A estrutura dos contos possibilita que a criança associe a história com a vida real, assemelhando o seu problema real com o problema do personagem. Os contos de fadas possuem um cenário distante, atemporal, onde a personagem principal – vista como boa – tem um momento de tensão com a personagem má e, depois de um momento de dificuldade, consegue resolver seu problema e ter um final feliz. Final este que também é desejado pela criança.

Esta monografia me fez refletir sobre a importância da leitura dos contos de fadas para as crianças, já que as histórias as ajudam a enfrentar problemas e adquirir valores básicos de conduta social. O tema vem se tornando cada vez mais popular, porém ainda não é o bastante, visto que muitas pessoas ainda não dão o devido valor aos contos de fadas.

Há uma grande necessidade de que o tema seja mais explorado pelos profissionais da área da educação, visto que a escola muitas vezes é o único lugar onde a criança pode ter contato com as histórias. Assim, espero que este trabalho possa contribuir para futuros pesquisadores, que assim como eu, achem de extrema importância a leitura de contos de fadas para as crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

AZEVEDO, Ricardo. *Literatura infantil. Origens, visões da infância e certos traços populares*. Rio Grande do Sul: Dimensão, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CASHDAN, Sheldon. *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CEAPP. Disponível em: <<http://ceapp-ceapp.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos*. São Paulo: DCL, 2003.

CORREIA, Vânia Sofia Rosa. *A importância atribuída ao Desenho Infantil pelos Adultos*. Beja: Instituto Politécnico de Beja, 2012.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. São Paulo: Ática, 1998.

MORENO, Fernanda da Silva. *A transformação da moralidade nas releituras teatrais de contos maravilhosos*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2010.

NO MUNDO DOS LIVROS. Disponível em: <<http://www.nomundodoslivros.com/2012/07/curiosidades-esculturas-com-livros.html>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *Livros e Infância [online]*. Disponível em: <<http://graudez.com.br/litinf/livros.htm>> Acesso em: 29/09/2014.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. *Leitura Prazer – Interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola*. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. *A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças*. Salvador: ---- , 2010.

PEREIRA, Maria Suely. *A importância da literatura infantil nas séries iniciais*. Disponível em <http://revistas.facecla.com.br/index/reped>. Acesso em: 14 de julho de 2014.

RADINO, Glória. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TATAR, Maria. *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.